

# O operariado carbonífero Sul Rio-Grandense e seus patrões através das equipes de futebol (1930-1950), Rio Grande Do Sul, Brasil

*Tassiane Mélo de Freitas\**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil

tassimelo@gmail.com

## *Resumo:*

O objetivo central deste artigo é apresentar alguns dos aspectos que vem sendo desenvolvidos na pesquisa sobre as relações entre patrões e operários da indústria carbonífera do Rio Grande do Sul (Brasil), entre os anos 1930 e 1950, durante a construção e desenvolvimento de equipes de futebol. Trata-se de buscar compreender a forma com que estas relações se processam no interior dos espaços de sociabilidade, em conexão com a conjuntura em questão.

*Palavras-chave:* Patrões; Operários; Indústria Carbonífera; Futebol.

## *Abstract:*

The main objective of this article is to present some of the aspects that have been developed in the research on the relations between bosses and workers of the coal industry of Rio Grande do Sul (Brazil), between 1930 and 1950, during the construction and development of teams of football. It is a question of trying to understand the way in which these relations take place within the spaces of sociability, in connection with the conjuncture in question.

*Keywords:* Bosses; Workers; Carboniferous Industry; Football.

\* Programa de Pós-Graduação da UFSM.

## INTRODUÇÃO

Franco Jr. (2007: 11) constatou que no Brasil, o futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado. Pode-se afirmar que em parte esta perspectiva não corresponde, tendo em vista o avanço de pesquisas em diversas áreas do conhecimento envolvendo a temática do futebol, especialmente entre as décadas de 1990 e 2000. Tratando-se, mais especificamente, da relação deste esporte com o mundo operário, especialmente no Rio Grande do Sul, os trabalhos estão ganhando espaço dentro da discussão acadêmica. De fato, necessita-se avançar na vastidão desta temática –o futebol–, que do ponto de vista cultural possui grande expressão no mundo, com especial destaque, nos países sul-americanos.

O objetivo central deste artigo é apresentar alguns aspectos preliminares que vem sendo desenvolvidos na pesquisa sobre as relações entre padrões e operários da indústria carbonífera do Rio Grande do Sul (Brasil), entre as décadas de 1930 e 1950, durante o processo de construção e desenvolvimento de equipes de futebol.

## O FUTEBOL OPERÁRIO

No Brasil, em seus primórdios, o futebol era um esporte jogado pelas elites em diversas agremiações nacionais que formavam e disputavam os primeiros campeonatos municipais, regionais e estaduais. Neste sentido, a tese de Leonardo Affonso de Miranda Pereira (1998) traz importantes contribuições para compreender a história social do Rio de Janeiro através da formação de diversos clubes de futebol. Mas a tese não se detém apenas aos aspectos de elitização e princípios higienistas promovidos também a partir da prática do futebol. Pereira discorreu por este romper da fronteira do elitismo. Assim ele afirmou ser a história social através do futebol:

(...) uma história feita de tensões e distinções diversas, que fazem com que nela se cruzem jovens elegantes, operários, literatos, suburbanos, médicos e jogadores, ela aparece como um rico meio de análise sobre as possibilidades de diálogo e os embates entre esses grupos (Pereira, 1998: 6).

Ainda no caso do Rio de Janeiro –um exemplo que muito provavelmente encontra semelhanças em cidades como São Paulo, Porto Alegre e muitas outras do Brasil– encontra-se a participação de operários na prática esportiva do futebol, o que daria ensejo à criação de inúmeros clubes comumente denominados de “times de fábrica” ou “times operários”.

Segundo Franco Jr. (2007) a criação de clubes vinculados a empresas que recrutavam operários para seus times também afrontava as barreiras sociais erguidas no futebol. Entre os exemplos apontados pelo historiador estão: o clube Bangu, fundado em 1904 (Rio de Janeiro) e o Juventus em 1924 (São Paulo). Sobre o Bangu Athletic Club, considerado a principal chave explicativa em torno do futebol operário no país, conforme Stédile (2011: 11) devido ao número insuficiente de jogadores ingleses para as partidas, funcionários da fábrica têxtil Companhia Progresso Industrial, e distante dos demais clubes de elite, o clube passou a recrutar o operariado brasileiro para sua equipe. Esta atitude, além de contribuir em parte para a “democratização” social do esporte tornou-se também veículo de propaganda da empresa.

Na América do Sul apresentam-se vários exemplos de times de origem operária. Assim temos: o Peñarol (1891, *los carboneros*, Uruguai), Rosario Central (1889, Argentina), Talleres (1913, Argentina), etc.; o caso do Peñarol destaca-se pelo fato de que ao contrário de grande parte de seus congêneres sul-americanos, teve grande repercussão no mundo do futebol. Contando com diversos títulos internacionais, com destaque para cinco títulos na Copa Libertadores da América e três Copas Intercontinentais, afirma-se que o Peñarol tem seu lugar de destaque entre os clubes de origem operária na América do Sul.

Mas interessa a partir daqui observar que a popularização (“democratização” social) do futebol, que encontra também suas origens na inserção de operários e negros nos plantéis das equipes, espalha-se pelo país ganhando cada vez mais adeptos entre as diferentes camadas sociais. Isto não será diferente na região carbonífera do Baixo Jacuí, no Estado do Rio Grande do Sul (Brasil), que a partir da década de 1910 já contava com a prática deste esporte entre os operários da indústria de carvão da região. Cabe, no entanto, analisar como as relações entre os operários e os patrões se processavam, em especial entre as décadas de 1930 e 1950, para além do espaço de trabalho (as minas de carvão).

#### “BRILHA O CADEM, O CAMPEÃO DE SÃO JERÔNIMO”

No Rio Grande do Sul, a Microrregião Carbonífera do Baixo Jacuí compreende os municípios de Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Butiá, Charqueadas, Eldorado do Sul, General Câmara, Minas do Leão, São Jerônimo e Triunfo. “Esta área está compreendida entre os paralelos 29°37’ e 30°38’ de latitude Sul e os meridianos 51°15’ e 51°14’ de longitude Oeste de Greenwich” (Hasenack e Guerra, 2000: 15). Neste território, encontra-se ainda uma subdivisão: a chamada região carbonífera tradicional, formada pelos municípios onde o carvão mineral foi descoberto e que deram origem à exploração do

minério em escala industrial no país. Em 1872, com a autorização concedida pelo governo imperial para o funcionamento da empresa formada por James Johnson e Ignacio José Ferreira de Moura (The Imperial Brazilian Collieries C. Limited) teve início o processo de formação da indústria carbonífera brasileira.

Os municípios de Arroio dos Ratos, Butiá, Charqueadas e Minas do Leão, outrora pequenos distritos pertencentes ao distrito Sede (São Jerônimo) foram as principais localidades a formar em torno da indústria carbonífera uma espécie de microcivilização mineira e católica. Companhias mineradoras tais como a CEFMSJ (1889-1964, Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo) e mais tarde o CADEM (1936-1964, Consórcio Administrador de Empresas de Mineração) fomentaram a transformação destas pequenas localidades rurais em vilas operárias, o que legou posteriormente a estes municípios vestígios materiais e imateriais (casas operárias, hospitais, igrejas e suas práticas religiosas, cines-teatro, clubes recreativos, equipes de futebol, etc...) de uma época considerada próspera.

Em seu estudo etnográfico sobre as formas de construção social da honra no cotidiano da comunidade de mineiros de carvão de Minas do Leão, após o desaparecimento da última mina de subsolo, fechada em 2002, Cioccarri (2010) afirmou que quando chegou nesta localidade, tinha algumas pistas de que o futebol possuía uma importância singular no cotidiano da comunidade erguida em torno das minas de carvão. Segundo a antropóloga, o pertencimento a uma equipe de futebol possui um papel central na construção da chamada pequena honra relacionada ao esporte "(...) ou seja, do valor social atribuído ao indivíduo e incorporado por ele, que deriva de suas habilidades corporais" (Cioccarri, 2010: 361). A partir desta colocação, algumas pistas acerca de como o futebol foi ganhando espaço entre os operários do carvão foram se formando. Entre elas está o fato de que estes espaços constituem-se em possibilidades de uma suposta "ascensão" social, onde possivelmente se garantiria ao operário "bom de bola" determinados privilégios que poderiam consequentemente quebrar o princípio de coesão da categoria mineira, ao ser percebida esta situação de "vantagem" em relação aos demais.

A pesquisa que vem sendo elaborada está centrando sua análise em torno de doze equipes de futebol da tradicional Região Carbonífera do Baixo Jacuí, sendo onze destas filiadas à Federação Gaúcha de Futebol (outrora, Federação Rio-Grandense de Futebol) e apenas uma (Olaría Futebol Clube, de Minas do Leão) ligada ao futebol "varzeano".<sup>1</sup> Diante do tema apresentado acima, esta escolha justifica-se pelo fato de serem equipes ligadas à indústria

<sup>1</sup> Nomenclatura utilizada para o futebol amador não institucionalizado na forma de uma equipe registrada na Federação, ou mesmo por ser jogado em campos alagadiços comumente chamados de "várzeas".

carbonífera (onde havia a participação massiva de operários e patrões sejam como fundadores ou co-fundadores, jogadores, diretores esportivos, sócios, etc.) que alcançaram o seu auge (premiações, disputas de campeonatos importantes, filiação à federação, etc.) durante o período em que esta indústria atingiu seu ápice com a produção e comercialização do carvão mineral, ou seja, durante a II Guerra Mundial. Esta situação permitiu o investimento em diversas áreas assistenciais e de lazer a exemplo das equipes de futebol estudadas. Levanta-se, no entanto, a hipótese de que nesta conjuntura, em específico, encontra-se a culminância das tensões nas relações entre operários e patrões, seja na exigência da intensificação do trabalho durante o esforço de guerra ou no processo de resistência promovido pelos trabalhadores através das lutas por melhores condições de trabalho.

Entre as equipes selecionadas para este estudo, por localidades, estão:

- 1- Arroio dos Ratos: Esporte Clube Brasil (1918), Sport Club Guarani (1926), Departamento Desportivo do CADEM (1938) e Grêmio Esportivo Estrela (1944).
- 2- Butiá: Butiá Futebol Clube (1926) e Brasil Futebol Clube (1942).
- 3- Charqueadas: Grêmio Atlético Jeromina (1931).
- 4- Minas do Leão: Atlético Mineiro (1950) e Olaria Futebol Clube (1956).
- 5- Porto do Conde: Conde Futebol Clube (1937).
- 6- São Jerônimo: Grêmio Esportivo São Jerônimo (1935) e Grêmio Esportivo Riograndense (1938).

Em cada uma destas equipes as relações entre patrões e operários –cabe aqui lembrar que as categorias de trabalhadores operários da indústria do carvão não dizem respeito apenas aos mineiros, mas também ferroviários, portuários, comerciantes... que também estavam atrelados à indústria do carvão mineral– podem ser discutidas a partir dos aspectos mais diversos, que através do trato com as fontes possivelmente apontarão para um quadro complexo, que envolve desde a tentativa de tutela e supervisão promovidos pelas empresas mineradoras, mas indo além deste aspecto podem apresentar diversas formas de resistência, arranjos e agenciamentos por parte dos operários.

Ademais, estes conflitos não restringem-se ao campo de futebol, eles também estão presentes na própria constituição burocrática das equipes: na instituição de diretorias, no estabelecimento de regimentos e estatutos, na criação de símbolos das equipes, nas possibilidades de ascensão social dentro da comunidade (a possibilidade de ser diretor esportivo ou presidente de uma equipe, contar com seu nome na lista de sócios fundadores, as hierarquias internas – sócios fundadores, beneméritos, juvenis, etc.). Enfim, inúmeros são os aspectos neste universo do futebol operário. Logicamente para este artigo foram elencados alguns, os quais pretende-se abordar, ainda que de maneira incipiente, através do caso da equipe do Departamento Desportivo do CADEM.

O Departamento Desportivo do CADEM (D. D. CADEM) foi uma agremiação sediada no até então distrito de Arroio dos Ratos, que apesar de sua rápida passagem pelo cenário futebolístico destacou-se pelas suas brilhantes atuações, inclusive diante de equipes consagradas do futebol amador sul rio-grandense.

O “Alvinegro” foi fundado no dia 19 de dezembro de 1938, pelo Consórcio Administrador de Empresas de Mineração, o qual “batizou” a equipe com sua sigla. No escudo do time, ao centro, constava a fachada do prédio do antigo complexo carbonífero de Arroio dos Ratos,<sup>2</sup> comandado pelo CADEM durante o período de fundação da equipe.

Em 1936, o CADEM se instalou nas lucrativas regiões mineiras de São Jerônimo, as Vilas de Arroio dos Ratos e de Butiá.

(...) as vilas de Arroio dos Ratos e Butiá abrigavam, no início da década de 1940, quase 7 mil mineiros, formando uma das maiores concentrações de trabalhadores do país na época (...). De 1932 a 1939, 82% da produção nacional do carvão vinha do RS, onde o CADEM era líder absoluto [...] O recorde da produção de carvão na região foi alcançado em 1943, quando 1,34 milhão de toneladas de carvão saíram do subsolo do RS (Speranza, 2014: 50-51).

A “Companhia” (CADEM) foi a responsável por unir duas equipes de futebol rivais da Vila de Arroio dos Ratos: o Esporte Clube Brasil (1918) e o Sport Club Guarani (1924). Além da manutenção da nova equipe de futebol, cabe destacar que foi construído anteriormente pelo CADEM um estádio com pista olímpica, quadra de tênis e canchas de basquete e voleibol.

O Departamento Desportivo do CADEM durante sua curta existência concentrou seus esforços na disputa de campeonatos intermunicipais das minas de São Jerônimo, assim se tornou rapidamente uma potência futebolística da região. Teve grande atuação, especialmente, entre os anos de 1939 a 1947. Como a grande maioria das equipes que fecham as suas portas, o D. D. CADEM desapareceu de forma “silenciosa”, e atualmente conta apenas com os indícios de sua existência nas documentações dos clubes que voltaram a se tornar independentes –Sport Club Guarani e Esporte Clube Brasil– e através da imprensa da época que registrou sua atuação.

Em 11 de novembro de 1943, o jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, publicou uma reportagem em que informava aos leitores o andamento do campeonato de futebol da região, divulgando o jogo entre as equipes do D. D. CADEM, de Arroio dos Ratos, e do Butiá Futebol Clube, de Butiá, ambas

<sup>2</sup> Sobre o antigo Complexo Carbonífero de Arroio dos Ratos encontram-se informações na Dissertação de Mestrado de Freitas (2015).

compostas por operários da região carbonífera. Na conclusão da reportagem, o jornal referenciava que tanto uma quanto a outra contavam “com o apoio integral do Consórcio Administrativo das empresas de mineração”.<sup>3</sup>

O incentivo e o patrocínio do Consórcio a esse esporte se mantiveram nos anos seguintes, tanto que, em novembro de 1945, os jornais da capital publicaram reportagens sobre o campeonato estadual de amadores promovido pela Federação Rio Grandense de Futebol, no qual o time do CADEM, campeão de São Jerônimo, disputaria acirrada partida contra o Cruzeiro de Porto Alegre, bi-campeão gaúcho de futebol amador. Destaca-se nesta reportagem –sob o título de “Brilha o CADEM, o campeão de São Jerônimo”– a existência de questionamentos da sociedade acerca de como esses “(...) moços que, desdobrando a sua atividade, dia e noite, no subsolo da terra ou nos escritórios do poderoso consórcio do vizinho município acham tempo de sobra para praticar o esporte (...)”. O próprio autor respondeu ao questionamento apontando como causa do vigor o fato de os mineiros possuírem “(...) dois verdadeiros nomes tutelares – o Dr. Roberto Cardoso e o Sr. Henrique Lupinacci, ambos as vigas-mestras dessa organização modelar, que é o CADEM, o campeão de S. Jerônimo jamais se arreceiou de qualquer adversário, antes costuma sempre lutar com energia e força de vontade”.<sup>4</sup>

A figura do diretor Roberto Cardoso, sintetizou a maneira com que o CADEM atuou na região durante os anos em que esteve no comando das atividades da indústria carbonífera. Segundo Speranza (2014: 74), era Roberto Cardoso responsável por verdadeiras cerimônias de “beija-mão”, onde quando de suas visitas à região, recebia os moradores das vilas operárias que lhe solicitavam concessões das mais diversas.

No que diz respeito ao futebol, não foi diferente. O Consórcio cedia os campos para a prática esportiva, os fardamentos, unia equipes historicamente rivais para formar sua própria equipe e inclusive pagava uma espécie de “cachê” aos operários que praticavam um futebol “ordeiro”. Se de um lado observa-se este envolvimento tutelar do CADEM nestas questões do futebol na região, não se pode perder de vista o caráter de negociação através dos arranjos entre as classes e o próprio agenciamento dos operários neste cenário, o que pode vir a traduzir-se, ainda que hipoteticamente, na sua inserção no clube através de um cargo na diretoria, na busca pelo reconhecimento da equipe diante da Federação Rio-Grandense de Futebol, compondo o plantel de jogadores destas equipes e recebendo por isso (numa espécie de “amado-

<sup>3</sup> *Correio do Povo*, 11.11.1943. Acervo do Museu Estadual do Carvão (Arroio dos Ratos, RS).

<sup>4</sup> *Correio do Povo*, 1.11.1945. Acervo do Museu Estadual do Carvão (Arroio dos Ratos, RS).

risimo marrom”)<sup>5</sup> e na fidelidade ao clube bem mais do que à empresa. É por entre os meandros destas relações que será possível complexificar a discussão.

Segundo Negro e Gomes (2006: 224): “(...) os times de futebol organizados em fábricas não são forçosamente uma armadilha dos patrões nem apenas área de infiltração de militantes com vistas à agitação e ao recrutamento”.

É importante destacar que a tentativa de supervisão através do esporte também encontra sua expressão no âmbito estatal. Assim, observou-se que o decreto-lei nº 3.199, de 4 de abril de 1941, redefiniu completamente a base de organização esportiva no Brasil sob tutela estatal, mais precisamente com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND) com suas várias confederações por ramo esportivo e federações por unidade territorial. Desta maneira, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) ficou responsável pelos seguintes esportes: futebol, tênis, atletismo, remo, saltos, polo aquático, vôlei e handball (Stédile, 2011: 122).

O CND, por exemplo, era o órgão que regulamentava a participação de estrangeiros em times de futebol. Esta prática refletiu-se na região carbonífera, por exemplo, onde em 1942 ao encaminhar suas documentações em busca da filiação à Federação Rio-Grandense de Futebol, a Sociedade Atlético Grêmio Desportivo Rio-Grandense, de São Jerônimo, teve seu processo devolvido devido à sua lista de sócios contar com a inscrição de três italianos, o que contrariava as disposições estatutárias da Federação. Cabe apontar que durante este período em meio a II Guerra Mundial, houve o alinhamento do Brasil às potências Aliadas, o que trouxe a perseguição aos estrangeiros pertencentes aos países súditos do Eixo. Entre estes grupos estavam os italianos.

Outro elemento que deve ser destacado é a tentativa de supervisão da empresa mineradora no processo de seleção dos dirigentes das equipes de futebol, pois tudo deveria passar pelo seu aval. Como exemplo, consta no estatuto de 1939 do Butiá Futebol Clube os nomes de funcionários asseclas do Consórcio minerador entre a lista de seus dirigentes. Mas isso não se dava com tanta tranquilidade e aceitação. De outro lado, a criação da equipe do Brasil Futebol Clube, em 1942, surgiu justamente de uma cisão no interior do Butiá Futebol Clube, ou seja, hipoteticamente nos leva a investigar e pensar sobre os possíveis desacordos envolvidos.

Outra questão diz respeito à tentativa de “apaziguamento” das rivalidades étnicas trocando o nome da equipe denominada Espanha (formada por ope-

<sup>5</sup> Lopes (2004) em seu texto *Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro*, refere-se à equipe do Vasco da Gama durante a década de 1920 quando trata da questão do “amadorismo marrom”. Segundo o autor “De fato, além de manter a equipe em um regime de quase-internato, pagando alimentação, manutenção de local para dormida, uniformes e equipamentos de treinamento, o Vasco costumava pagar o ‘bicho’, uma gratificação segundo o desempenho na partida, e ainda uma ‘ajuda de custo’ para o transporte” (Lopes, 2004: 136).



rários espanhóis) para Sport Club Guarani, que posteriormente será forçosamente unido pelo CADEM ao Esporte Clube Brasil. Entre as hipóteses para esta união está o fato das disputas acirradas nos jogos resultar na falta dos operários ao trabalho, a empresa agindo assim, estaria resolvendo os conflitos. O que de fato não aconteceu. Os conflitos entre os trabalhadores “arquirrivais” em campo continuaram.

Segundo Speranza (2014: 77) a representação em torno, por exemplo, do ofício do mineiro: “(...) geralmente se materializa num quadro pintado com as cores da coesão grupal, da coragem, da politização, do sacrifício, da força, da solidariedade, da masculinidade, da religiosidade e da tradição familiar”.

O risco desta representação é a sua “(...) absolutização passível de constituir um padrão de comportamento social homogeneizado e sem espaço para ambiguidades e divisões” (Speranza, 2014: 77).

Assim que o CADEM foi perdendo seu poderio econômico na região, após o período áureo de sua produção, nos anos 1940, acabou encaminhando-se o fim do Departamento Desportivo do CADEM. A primeira ação dos participantes, unidos compulsoriamente pelo outrora poderoso Consórcio, foi desmembrarem o D.D. CADEM voltando às suas origens: Sport Clube Guarani e Esporte Clube Brasil. Sendo que este último no primeiro momento pós desmembramento passou a se chamar São José (1950), só posteriormente retomando às origens como Esporte Clube Brasil (1952). A partir daí, encontra-se o período de decadência das equipes, que atualmente encontram dificuldades para manter seu patrimônio e prosseguir no intento de apresentar um “futebol de qualidade”.

## PENSANDO A NOVA HISTORIOGRAFIA DO TRABALHO

Emília Viotti da Costa (2001) ao fazer um balanço da historiografia dos mundos do trabalho apresentou as possibilidades de enfoques para a história do trabalho entre eles estão os enfoques econômico, político e também aquele que privilegia a experiência dos trabalhadores. O fato é que as orientações se sobrepõem e os conceitos são difusos, assim a autora recorreu à análise da nova história do trabalho, que do ponto de vista metodológico assumiu uma distância significativa em relação às abordagens tradicionais.

Viotti trouxe a crítica de Peter Winn, que por sua vez apontou para o perigo da história dos trabalhadores latino americanos isolar-se apenas na experiência dos trabalhadores (seu lazer, suas crenças, suas relações, etc.). Ou seja, é importante defender uma história de baixo para cima, na qual os trabalhadores sejam vistos como atores históricos que geram a mudança e não só reagem a ela. Porém, é importante destacar o relevante papel do diálogo entre estruturalistas e culturalistas, de maneira que não se perca a dimensão complexa que envolve a história dos mundos do trabalho.

Embora haja um interesse em destacar a experiência dos trabalhadores (segundo Viotti há uma imprecisão metodológica no uso do conceito de experiência) em detrimento de uma história de cunho mais economicista, é necessário entender esta experiência de forma a relacionar com a estrutura. Ao privilegiar o tema sobre o futebol operário entre os trabalhadores da indústria do carvão mineral no sul do Brasil, não busca-se apenas captar suas experiências num espaço fora de onde suas atividades laborais eram exercidas. Embora seja importante observar como as relações entre operários e patrões atravessam o espaço tradicional de contato (a mina, o porto, a ferrovia) e chegam ao espaço de sociabilidade é necessário estar atento às rupturas e continuidades, à estrutura que compõe o quadro da história dos trabalhadores. Assim como defende Viotti da Costa, é necessária uma fusão criativa entre enfoques estruturalistas e culturalistas.

Outra questão importante a se destacar diz respeito à abordagem da história dos trabalhadores na conjuntura do Estado Novo. Assim como destacado por Konrad (2010), é necessário discutir sobre o suposto hiato existente na luta dos trabalhadores durante o Estado Novo. Contrariando as teses de Evaristo de Moraes Filho (*O problema do Sindicato Único no Brasil*, 1952) e Leôncio Martins Rodrigues (*Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*, 1966) cujos posicionamentos apontam para o controle do Estado sobre os trabalhadores neste período, inclusive através da instrumentalização dos sindicatos, a historiadora explica que diante da dominação política e cultural de classe, os trabalhadores puderam elaborar uma identidade de resistência através da ação coletiva e individual seja nos espaços institucionais e nos não-formais, construindo assim sua consciência na experiência de luta de classes histórica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol no Brasil teve em seus primórdios a marca da elitização, mas não tardou para que a sua popularização (“democratização” social) viesse a acontecer. Isto foi possível, dentre outros aspectos, através da inserção, por exemplo, de jogadores negros nas equipes, bem como também de operários, como é o caso dos conhecidos “times de fábrica” ou “times operários”. É neste contexto que encontram-se as equipes formadas na região carbonífera do Rio Grande do Sul a partir da década de 1910. Formadas seja a partir do impulso das empresas mineradoras, em especial o Consórcio Administrador de Empresas de Mineração – CADEM, ou mesmo através da própria organização dos operários ligados à indústria carbonífera, ou ainda da união de interesses de ambos, é necessário avançar na análise do futebol operário, tendo em vista as relações entre patrões e operários em suas diversas nuances, inclusive fora do ambiente de trabalho, e em conexão com a conjuntura estudada.

Maneira de supervisionar, tutelar os operários, meio onde as negociações se estabelecem de diferentes formas, arranjos em busca de reconhecimento das equipes ante o órgão máximo do futebol no Estado, laços de fidelidade mais à equipe do que à empresa, quebra da tão decantada “coesão” dos trabalhadores através das rivalidades entre equipes, o conflito como possibilidade de construções e destruições –como apontado por Simmel– são alguns dos inúmeros aspectos que ao longo desta pesquisa pretendem ser investigados. Assim, não se pode perder de vista que “no jogo de futebol o senhor engloba muitas instâncias: a federação, os sócios, a diretoria, o técnico, as leis, as regras, a torcida, a imprensa, o jogador, o campo” (Schüller, 2012: 33), elementos estes importantes para a investigação em questão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIOCCARI, Marta (2010): Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra em uma comunidade de mineiros de carvão. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ - Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- COSTA, Emília Viotti da (2001): “Experiência versus estruturas: novas tendências na história do trabalho e da classe trabalhadora na América Latina. O que ganhamos? O que perdemos?”, *História - Unisinos*, São Leopoldo (N° especial), pp. 17-52.
- FRANCO Jr., Hilário (2007): *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*, São Paulo, Companhia das Letras.
- FREITAS, Tassiane Mélo de (2015): De Complexo Carbonífero a museu: o processo de patrimonialização dos remanescentes do antigo complexo carbonífero de Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul, Brasil (1983-1994). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Consultado em 7.04.2017, disponível em [<https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Tassiane-M%3%A9lo.pdf>].
- HASENACK, Heinrich e GUERRA, Teresinha (2000): “A área de estudo”. Em CENTRO DE ECOLOGIA DA UFRGS, *Carvão e meio ambiente*, Porto Alegre, Editora da UFRGS, pp. 15-17.
- KONRAD, Gláucia Vieira Ramos (2010): “Brasil e Rio Grande do Sul (1937-1945): historiografia do trabalho”, *Anais do X Encontro Estadual de História*, UFSM, Santa Maria. Disponível em [[http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279463193\\_ARQUIVO\\_2010-XEncontroEstadualdeHistoria-BrasileRioGrandedoSul\\_1937-1945\\_;HistoriografiadoTrabalho-TextoSimposioTematico-GluciaVieiraRamosKonrad-VersaoFinal.pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279463193_ARQUIVO_2010-XEncontroEstadualdeHistoria-BrasileRioGrandedoSul_1937-1945_;HistoriografiadoTrabalho-TextoSimposioTematico-GluciaVieiraRamosKonrad-VersaoFinal.pdf)].
- LOPES, José Sérgio Leite (2004): “Classe, Etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro”. Em BATALHA, C. H. M.; TEIXEIRA DA SILVA, F. e FORTES, A. (Eds.), *Culturas de classe*, Campinas, Editora da UNICAMP, pp. 121-163.

- NEGRO, Antônio Luigi e GOMES, Flávio (2006): “Além de senzalas e fábricas uma história social do trabalho”, *Tempo Social*, São Paulo, 18, 1, pp. 217-240. Disponível em [<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n1/30015.pdf>].
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (1998): *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, UNICAMP, Campinas.
- SCHÜLLER, Donaldo (2012): “Reflexões esferocêntricas”. Em L. ROHDEN et al., *Filosofia e futebol: troca de passes*, Porto Alegre, Editora Sulina, pp. 29-50.
- SPERANZA, Clarice Gontarski (2014): *Cavando direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre trabalhadores e patrões nas minas do Rio Grande do Sul nos anos 1940 e 1950*, Porto Alegre, Oikos.
- STÉDILE, Miguel Enrique Almeida (2011): *Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre. Disponível em [<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54077/000837702.pdf?sequence=1>].